



O jornalismo e a história da decadência do cinema em Novo Hamburgo: um estudo hermenêutico¹

Paula Regina Puhl – Universidade Feevale²

Resumo

Esse artigo tem como finalidade analisar a relação entre o jornalismo impresso e a história do cinema em Novo Hamburgo. Para isso, focamos nos registros veiculados no Jornal NH que retrataram a decadência das salas de cinema na cidade entre os anos 70 e 2000. O método escolhido para a análise qualitativa do material será a Hermenêutica de Profundidade, de acordo com John B.Thompson (1995), pois a mesma permite analisarmos as matérias veiculadas pelo jornal, considerando-as como formas simbólicas inseridas em um dado contexto histórico e social, permitindo ainda uma re-interpretação dos fatos nos dias de hoje. O estudo ainda destaca a importância das informações mediadas pela imprensa como fontes de pesquisa e a utilização desses registros para a reconstrução de fatos culturais importantes para a sociedade.

Palavras-chave

História do Jornalismo; Cinema; Hermenêutica de Profundidade; Jornal impresso; Jornal NH.

1. A emancipação de Novo Hamburgo e a Imprensa: uma uinã de trajetórias

Para compreender o local do estudo é necessário saber sobre o surgimento de Novo Hamburgo, conforme Petry (1944) está intimamente ligado ao projeto imperial brasileiro de ocupação da região meridional do país, com população européia leal ao Imperador e a Coroa. Dentro desse processo, desembarcaram no Rio Grande do Sul, a partir de 1824, sucessivas levas de imigrantes de origem germânica, que foram se estabelecendo em várias regiões do Estado³.

O núcleo primeiro dessa imigração foi a colônia de São Leopoldo, hoje Município de São Leopoldo. A partir desse inicial ponto de chegada, várias outras colônias se estabeleceram nos vales do Rio do Sinos, Caí e Paranhana. Houve assim

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Coordenadora e professora do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e do Curso de Jornalismo da Universidade Feevale. Contato ppuhl@feevale.br

³ A primeira leva de imigrantes germânicos desembarcou em São Leopoldo em 25 de julho de 1824, no final do mesmo ano cerca de 124 colonos já haviam desembarcado. O Governo Imperial e Provincial iniciou a distribuição de terras, divididas em picadas e essas em lotes e colônias. O loteamento das terras que ficavam a margem direita do Rio do Sinos, especialmente na chamada encosta da serra foi o que originou o povoamento de Hamburgo Velho e mais tarde Novo Hamburgo, que por volta de 1824, teve, de fato o início da colonização de sua área (PETRY, 1944: 19-20).



uma rápida ocupação por parte dos imigrantes que, atendendo uma atividade inicialmente agrícola.

Um desses núcleos que se formaram foi o de Hamburger Berg⁴, hoje bairro de Hamburgo Velho e pertencente a cidade de Novo Hamburgo, atualmente a 40km de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Esse núcleo original de Hamburger Berg foi o responsável pela criação da cidade, potencializada pela criação da linha férrea, que foi um dos mais importantes impulsionadores do desenvolvimento das colônias germânicas no Vale do Sinos. De acordo com Petry essa facilidade de escoamento da produção colonial e a qualificação para o trabalho artesanal dos povoadores de origem germânica, apoiado pela existência do couro e derivados como matéria prima, fez desenvolver-se a indústria coureiro-calçadista.

No início do século XX, Novo Hamburgo permanecia como Distrito de São Leopoldo, mas o seu desenvolvimento comercial e industrial fez crescer a sua idéia de emancipação. A emancipação política de Novo Hamburgo em relação a São Leopoldo aconteceu em 27 de Abril de 1927. Surge no início dos anos 1920, uma valorização do trabalho, do progresso como valores hamburgenses, em contrapartida a exploração e a letargia leopoldenses, que por sua parte vêm nos hamburgenses como impatriotas e mais alemães do que brasileiros.

Essa discussão acontece nas ruas, praças e demais lugares da vida cotidiana da comunidade, ganha cada vez mais espaço nos jornais, esses, por sua vez, adquirem uma importância cada vez maior na construção da identidade local. Dessa forma, os jornais enquanto meios de comunicação de massa se articulam como os locais da memória coletiva e construtores de uma identidade social.

É nesse contexto sócio-histórico que nasce a idéia do principal órgão de comunicação local, o jornal “O 5 de Abril”, que será a principal fonte desse projeto. A sua história se inicia um dia após a confirmação oficial da emancipação do município de Novo Hamburgo em 6 de abril de 1927. Criado por um grupo que defendia o movimento emancipacionista, o nome foi escolhido em homenagem à data de emancipação do município – 05 de abril de 1927.

⁴ Segundo Petry, o povoado que formou o núcleo inicial da cidade de Novo Hamburgo, era conhecido desde a sua fundação por Hamburger-Berg, o que quer dizer morro dos Hamburgeses. Admite-se também que venha de uma corruptela do nome Hampetersberg, ou seja, morro do Hampeter, nome de João Pedro Schimitt, um dos primeiros comerciantes da região.



Os primeiros boletins foram impressos na Typografia Hans Behrend, que seria o precursor da imprensa hamburguesa. Os escritos convidavam toda a comunidade para os festejos da emancipação na Praça do Imigrante. Após um mês que estava estabelecido o Decreto de Ouro, assinado pelo governador do Rio Grande do Sul Borges de Medeiros, “O 5 de Abril” começa, em 6 de maio de 1927, sua trajetória de 35 anos de jornalismo no Vale dos Sinos, publicando em primeira página do semanário a reprodução do documento.

As primeiras tiragens alcançaram cerca de 200 a 300 exemplares por semana, para uma população recenseada de 8.500 habitantes. “O número era significativo, pois diversos moradores eram da zona rural e outros falavam somente a língua alemã”. (BEHREND, 2002: 43). Porém com o aparecimento do Jornal NH, em 1963, o semanário fecha as suas portas.

Nossa opção pela análise de fontes impressas, mais especificamente pelo Jornal NH, mostrou-se significativa na medida em que ele foi, e ainda é, o veículo de comunicação impresso de maior circulação da cidade de Novo Hamburgo e da região do Vale do Rio dos Sinos. O Grupo Editorial Sinos, do qual o jornal faz parte, foi fundado em dezembro de 1957 pela família Gusmão, membros proeminentes da sociedade local. O Jornal NH apresenta entre seus preceitos norteadores o pioneirismo percebido como uma das características de sucesso e o claro direcionamento para uma cobertura regional, com a preocupação para o desenvolvimento e para as necessidades da comunidade onde atuam.

Sua missão manifesta é a de informar com independência, exatidão e respeito ao cidadão, bem como, estimular o desenvolvimento das comunidades e dos setores onde atua. Suas ações são baseadas em preceitos como: a independência da empresa jornalística que tem como compromisso único os leitores, na busca e divulgação dos fatos; a defesa de ideais de democracia, da livre iniciativa e da justiça, visando o bem estar da sociedade e a participação comunitária através da realização de campanhas e apoio aos movimentos sociais e econômicos do interesse da comunidade. Desta maneira, o ideário do grupo editorial é, por eles manifestado através da determinação inarredável de participarmos efetivamente da construção de uma sociedade mais desenvolvida e justa.⁵

2. O jornal como fonte de pesquisa

⁵ Informações retiradas do site: www.jornalnh.com.br, acesso em 10 de julho de 2010.



Como utilizaremos o jornal como fonte é importante destacar que os textos presentes nos meios de comunicação de massa, a partir da articulação com a sociedade, reconfiguram o espaço social. Esse processo ocorre quando as questões das identidades culturais podem ser percebidas através dos discursos jornalísticos, a partir, por exemplo, dos jornais impressos. Esse movimento pode ser visualizado nas páginas do jornal NH, que no caso do município de Novo Hamburgo é o principal meio de comunicação de massa voltado para a população local.

O nascimento e a permanência de um veículo de comunicação que busca atingir um elevado número da população acaba por destacar, ou ainda, agenciar determinados assuntos que, geralmente, influenciam a opinião pública. McCombs e Shaw citados por Traquina (2001) advertem que a capacidade das mídias em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirmam o seu papel na figuração da nossa realidade, isto é, “de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase completamente a partir dos mass media” (McCombs e Shaw apud Traquina, 2001, p.14)

Mas essa realidade muitas vezes serve de espelhamento do contexto onde nasce esse meio e das projeções do grupo dominante. Essa premissa também é encontrada em Lazarfeld cita Traquina (2001), quando salienta que a mensagem midiática ao entrar em conflito com as intenções de um grupo, pode acabar sendo rejeitada, já que as pessoas consomem essas mensagens de forma seletiva e por isso a escolha dos temas e o recorte do real devem estar de acordo com os interesses do grupo para o qual o veículo está se dirigindo.

Sob este viés, Traquina (2001) utiliza o argumento de Lippmann de que os meios de comunicação são a principal ligação entre os acontecimentos e a imagem desses em nossas mentes. Nesse mesmo texto Cohen (apud TRAQUINA, 2001) complementa que, na maioria das vezes, a imprensa não consegue dizer às pessoas como pensar, mas tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre o que pensar. Assim, temos o limite entre o poder da mídia e o seu papel nas relações sociais.

3. A Hermenêutica de Profundidade e as matérias sobre Cinema

O objetivo desse estudo é verificar de que forma os registros que se referem ao cinema veiculados pelo jornal NH colaboraram para constituição da história do cinema



na cidade de Novo Hamburgo. Para isso, foram pesquisadas as edições do jornal a partir de 1960 até 2000⁶.

A análise das matérias irá seguir a metodologia proposta por John B. Thompson (1995) e a sua aplicação da Hermenêutica de Profundidade (HP).

Serão analisados os textos referentes às matérias do jornal que tenham a contribuir a respeito do tema desse recorte. Ou seja, o material recolhido será tratado como forma simbólica, que para Thompson (1995, p. 79) são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos”. Para colaborar com a análise serão destacadas algumas matérias em ordem cronológica.

Segundo Thompson (1995) a Hermenêutica pode oferecer uma reflexão filosófica sobre o ser e a compreensão como uma reflexão metodológica sobre a natureza e tarefas da interpretação na pesquisa social. O autor destaca, que a Hermenêutica de Profundidade (HP), é o estudo de construções significativas e da contextualização social das formas simbólicas, além de fornecer um referencial metodológico para a condução da análise.

A tríplice análise da Hermenêutica de Profundidade reconhece que o objeto da investigação forma um campo pré-interpretado, importando-se com as maneiras nas quais as formas simbólicas são interpretadas pelos sujeitos que participam deste campo. Para que, em seguida, seja possível investigar como essas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem, na sua vida cotidiana.

A fim de verificar essa produção e recepção das formas simbólicas, faremos um processo interpretativo, das opiniões, crenças -uma interpretação da doxa, através da história oral, pois esses pontos-de-vista são sustentados e compartilhados entre as pessoas que constituem o mundo social, fundamentando a pesquisa sócio- histórica.

Tendo em vista a vasta quantidade de edições do periódico, o levantamento dos dados empíricos obedeceu a preceitos de seleção amostral de forma que na década de sessenta foram analisados os anos de 1960, 1961, 1963, 1964, 1967 e 1969, a fim de obtermos uma visão mais abrangente sobre o tratamento dado à temática neste período. Em seguida, decidiu-se pela alternância de anos, analisando as edições de 3 em 3 anos. Nos primeiros anos, a análise concentrou-se em todas as edições do periódico, que tinha

⁶ Os dados apresentados nesse estudo fazem parte de um projeto maior intitulado: “O doce nada fazer”: um estudo sobre lazer e identidades em Novo Hamburgo realizado com a participação da Profa. Dra. Cristina Ennes da Silva.



circulação semanal. No final da década de 1960, o número de edições semanais aumentou – refletindo o crescimento do jornal e da própria cidade de Novo Hamburgo – chegando, em 1978, as 5 edições semanais (de segunda a sexta). Com a ampliação de edições, optamos, a partir de então, por manter uma média de duas edições semanais pesquisadas, buscando contemplar os diferentes dias em proporções iguais. Na década de oitenta, o jornal passou a ter edições aos sábados e domingos, e a análise conservou a delimitação anterior, apenas incluindo estes dias na alternância. Com exceção dos primeiros anos, quando o número de edições anuais chegava a cerca de 50, a partir de 1969, o número de jornais anuais pesquisados estabilizou-se em torno de 100 edições, até o ano 2000, totalizando 1582 edições analisadas.

Assim, das 1582 edições analisadas, foram encontrados 2399 registros relacionados ao cinema conforme expresso no gráfico 1:

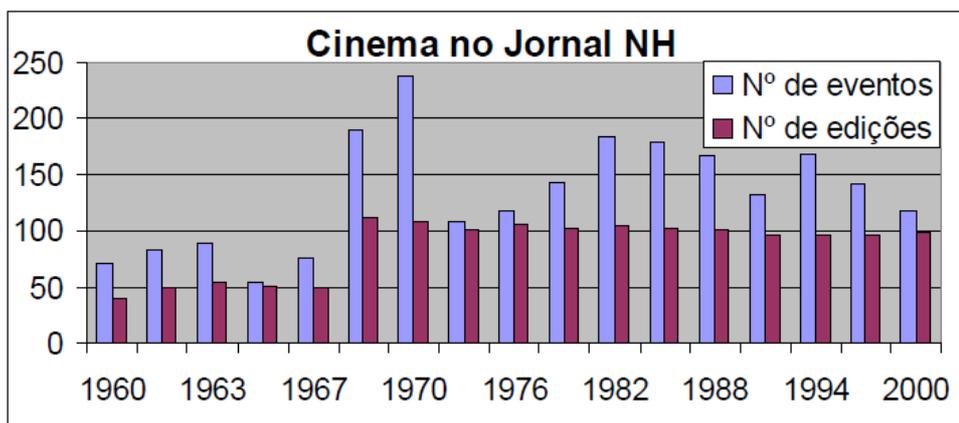


Gráfico 1: Relação entre o número de edições e de eventos relacionados ao cinema.

A partir desses dados que foram coletados para uma pesquisa de maior abrangência sobre o cinema em Novo Hamburgo, optamos em escolher as matérias que tratam da decadência do cinema entre os anos 70 e 2000. Para analisar esses dados iremos recorrer às três fases propostas pela Hermenêutica de Profundidade (HP), são elas: análise sócio-histórica (ASH), análise formal ou discursiva (AFD) e a Interpretação / Re-interpretação.

3.1.1 Análise Sócio-Histórica (ASH)

A primeira fase do enfoque da HP chamada de análise sócio-histórica, é responsável por verificar como as formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas. Essa fase tem como finalidade



reconstruir as condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas. No caso específico do estudo serão utilizadas as informações referentes a trajetória histórica do cinema do município, desde o aparecimento das salas de cinema de calçada até a migração das salas para os *shopping centers*. Como não existe bibliografia sobre a história do cinema em Novo Hamburgo, as informações descritas a seguir são baseadas em matérias do jornal NH e complementadas com depoimentos de pessoas que conviveram com o Cinema a partir da década de 60.

O final do século XIX pode ser indicado como marco inicial da história do cinema no Brasil, mais especificamente, o ano de 1898, dois anos após a projeção na França feita pelos irmãos Lumière. As primeiras exhibições no país aconteceram na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Gomes (1996) indica Afonso Segreto como responsável pelo episódio, sendo que este teria feito algumas imagens da Baía de Guanabara com a câmera de filmar, comprada em suas viagens para Paris.

As mais antigas referências sobre cinema em Novo Hamburgo reportam-se ao ano de 1913, quando Adão Adolfo Schmitt alugou o salão de sua casa no bairro Hamburgo Velho para a projeção de filmes. Anos depois, Sara Lanzer, proprietária de uma casa de comércio e freqüentadora assídua do cinema, como capital obtido por um prêmio de loteria, mandou construir uma sala de projeções.

Essa sala recebeu o nome de Cinema Central e funcionava na Avenida Maurício Cardoso. Na década de 40, o Cinema Central foi comprado por Lothário Blankenheime recebeu o nome de Cine Aída. No centro da cidade, na década de 1930, o Cinema Guarani foi construído na Avenida Pedro Adams Filho – uma das principais vias da cidade –, pela empresa Jaeger & Venturini Ltda. Na década de 1950, a mesma empresa construiu no calçadão da General Neto o Cine Lumière e, nos anos 1960, na Pedro Adams Filho, o Cine Avenida.

Nesse período também já havia o Cine Theatro Carlos Gomes, na Rua Lima e Silva, que era propriedade da família Blankenheim⁷. Os Blankenheim tiveram grande destaque na trajetória histórica dos cinemas de Novo Hamburgo. Felipe fora um dos sócios fundadores do Cine Guarani, e, ao construir o Carlos Gomes, passou a administração para seu filho Lothário que era violinista e ao lado da esposa pianista, tocavam antes e durante as sessões de cinema, no período em que este ainda era mudo.

⁷ Informações retiradas da matéria especial. **Sessões históricas no início do século**. Jornal NH. Novo Hamburgo, 04/02/2000, p. 4.



Posteriormente, seu filho Bodo prosseguiu administrando o cinema, que no início dos anos 1960 teve seu nome alterado para Saionara⁸.

Nesse período, a cidade de Novo Hamburgo, cenário da nossa pesquisa - que teve a sua origem relacionada à imigração alemã no século XIX, a partir de um projeto do governo imperial brasileiro de ocupar a região meridional do país - contava com uma população estimada em 70 mil habitantes e vivenciava um período de grande progresso industrial e crescimento urbano. Toda esse crescimento econômico se manifestava, conforme observamos nas matérias do Jornal NH, também nas atividades de lazer, expressas, na maioria das vezes, através de clubes, sociedades e associações que organizavam bailes, reuniões dançantes, jantares, quermesses, concursos de beleza, competições esportivas, apresentações artísticas, etc. Além disso, os quatro cinemas locais também eram muito prestigiados pela população.

O último representante da família Blankenheim que esteve à frente do cinema nos anos 1990 foi José Carlos⁹ que, por sua ligação familiar com o “negócio de cinema”, interpreta que desde seus primórdios de existência na cidade o cinema era, efetivamente, um acontecimento de grande relevância na sociedade local, eles diz “existia a praça da cidade e o Cinema”. E complementa ao acrescentar que além das sessões cinematográficas, era nos cine-teatros que as pessoas se encontravam, namoravam e assistiam peças de teatro e espetáculos musicais. Porém, freqüentava-se o cinema por divertimento, mas também como parte de um programa de gala, pois estes ambientes eram considerados sofisticados no período. A inauguração do Cine Lumière, em 1953, foi um acontecimento dessa amplitude, em virtude da grandiosidade da sala de espetáculos – cerca de 1800 lugares, sendo o maior cinema do interior do Estado.

Nesse item de forma resumida verificamos o lugar ocupado pelo cinema na sociedade hamburguense e o seu papel social. Em seguida vamos analisar mais algumas matérias sobre a decadência do cinema publicadas no Jornal NH, entre os anos 70 e 2000.

3.1.2 Análise Formal –Discursiva (AFD)

Nessa fase consideramos que as formas simbólicas estão situadas dentro de um campo de interação, que pode ser visto como um espaço de posição e um conjunto de

⁸ FLORES, Adriano. **O que passa com os cinemas**. Jornal NH, Novo Hamburgo, 23 e 24 julh. 1994. Caderno de Domingo, Capa, p. 4 e 5.

⁹ Entrevista com José Carlos Blankenheim. Abril de 2008.



trajetórias. A Análise Formal ou Discursiva, que surge em virtude dos objetos e das expressões que circulam nos campos sociais, que se tratam, também, de construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada.

De acordo com Thompson (1995) as formas simbólicas são produtos contextualizados, que têm capacidade, e têm por objetivo, dizer alguma coisa sobre algo. Essa fase da análise está preocupada com a organização interna das formas simbólicas, com suas características estruturais, seus padrões e relações, servindo, para a construção do campo-objetivo. Há muitas maneiras de conduzir a análise formal ou discursiva, de acordo com o objeto e com as circunstâncias de investigação.

Nesta fase haverá uma desconstrução das informações a fim de investigarmos a relação dessas formas simbólicas, ou seja, serão analisadas algumas informações retiradas dos jornais, tentando fazer um panorama do desenvolvimento do cinema no município. Nesse sentido, essa fase do método torna-se exaustiva e crucial, já que é nesse momento que se tem os primeiros resultados de análise.

Com o intuito de traçar um breve panorama, escolhemos analisar alguns extratos dos registros sobre cinema nas páginas do Jornal NH, iniciando pelo ano de 1969, devido ao início da expansão da televisão, que foi vista durante um tempo como “inimiga” e responsável pela decadência dos cinemas. De acordo com as matérias jornalísticas, a influência da televisão foi aumentando constantemente. Uma matéria do jornal NH em 1969 questionava: “O cinema está em decadência?”¹⁰, na ocasião, foram entrevistados gerentes dos cinemas locais e estes afirmaram que a frequência vinha caindo já desde meados da década de 1960. Dorival Villanova, sócio-gerente do Cine Lumière na época, apontava que a comodidade que a televisão gerava – em não ter de sair de casa –, poderia ser entendida como uma das razões que teria motivado a baixa de frequência ao cinema.

Outro fator explicativo poderia estar no baixo poder aquisitivo, visto que: “80% do público pertence à classe operária e não pode ir ao cinema muitas vezes por semana”. Já para Rubem, gerente do Cine Avenida, a menor frequência ao cinema se devia a falta de dinheiro do público:

Quem vai ao cinema é a pessoa de classe média para baixo, em geral. Este também, via de regra, não tem TV. Além disso, o número de aparelhos de televisão na cidade é relativamente baixo para o número de habitantes. Em junho de 1968, havia 5.800 aparelhos na cidade.

¹⁰ O cinema está em decadência? Jornal NH. Novo Hamburgo, 19/09/1969, p.13.



Este número deve ter subido para 8 ou 9 mil hoje. A cidade possui 80 mil habitantes, mais ou menos. A televisão poderá influir um pouco na ausência de senhoras no cinema. Mas o homem, que costuma ir ao cinema em dias de semana, não deixa de sair por causa da TV.

De acordo com Malverdes (2008), que fez um estudo semelhante na grande Vitória no Espírito Santo, essa impressão destacada por Dorival era percepção de um movimento que estava ocorrendo em todo o Brasil, devido à falta de público. Gatti (2000), complementa ao citar o fechamento de 1.200 salas em todo o Brasil nessa época, e que a queda continuou entre os anos de 1979 e 1981 quando o público diminuiu 34%, ou seja, de 192 milhões para 139 milhões, em seguida todos os números referentes ao cinema entraram, pela análise do autor, em queda livre.

Esses dados corroboram com o discurso do gerente do Cine Avenida, quando destaca na matéria do jornal, que o público “é a pessoa de classe média para baixo”. Essa citação deixa transparecer que, nesse momento, o grupo considerado de elite da cidade não freqüentava mais, de forma assídua, as salas de cinema. Outro aspecto significativo enfocado por Rubem é a referência à ausência das senhoras.

A mesma reportagem se refere às dificuldades quanto à montagem da programação dos filmes pelos exibidores, pois estes dependiam das companhias de distribuição. Assim, o exibidor não podia escolher, entre os filmes que os distribuidores tinham, os que lhe dariam maior lucro ou que seriam mais bem aceitos pelo público. Muitas vezes a opção era levar um “pacote” contendo, inclusive, filmes pouco lucrativos. Além disso, existia uma relativa concorrência entre cinemas, que disputavam os melhores filmes, e por isso os preços cobrados pelas distribuidoras sofriam altas constantes.

Paulatinamente, a televisão “invadia” os lares hamburguenses e causava deslumbramento. Essa reação fica clara na crônica de 1971 de Lauro Diogo de Jesus,

[...] a televisão é algo assim do outro mundo. Um negócio de louco, para falar a verdade. Quando estou assistindo o Jornal Nacional e vejo, imagem e som, dos mais distantes recantos do Brasil, não consigo esconder minha admiração pela inteligência do bicho-homem.¹¹

¹¹ Lauro Diogo de Jesus. **Jornal NH**. Novo Hamburgo, 12/11/1971, p. 2.



Os cinemas, no entanto, buscavam investir em inovações para seu público, na tentativa de atrair os frequentadores seduzidos pelas facilidades oferecidas pela televisão. Em 1969 e 1970, os cinemas Avenida e Saionara receberam reformas, implantando o som estereofônico e a projeção de 70 mm, novidades na época, juntamente com novas cadeiras e um “hall” de entrada maior e mais luxuoso. Este fato foi amplamente divulgado na imprensa¹² Além disso, incluíram *matinées* em todas as tardes, visando atrair o público infantil. “É uma boa pedida para os dias de férias, em tardes de “nada para fazer”¹³. No entanto, nem tudo contentava a população que, tendo outras opções de lazer, passou a observar aspectos, antes pouco considerados, relacionados ao conforto, como podemos observar na carta do leitor do Jornal NH

Um recado ao sr João Scherer, gerente do Cine Avenida: apesar daquela casa apresentar a maioria dos bons espetáculos cinematográficos de nossa cidade, o calor incrível que lá existe está a ponto de afugentar os espectadores. Os ventiladores não resolvem nada, deve se tentar uma nova solução.¹⁴

Foi nesse mesmo período – fins dos anos sessenta e início dos anos setenta – que os eventos relacionados ao cinema, publicados no Jornal NH, atingiram o maior número entre todos os anos analisados. As colunas de programação, as notícias vinculadas a filmes, diretores, atores e atrizes, nacionais e internacionais foram intensificadas – e, associadas às notícias sobre música e televisão – dominando as pautas sobre cultura no jornal a partir do final da década de 1970.

Contudo, a queda do público dos cinemas foi se acentuando ao longo da década de 1970, proporcionalmente ao aumento do número de aparelhos de televisão presentes nos lares da cidade. Esse fenômeno não tardou em fazer sua primeira vítima, pois o Cine Aída, de Hamburgo Velho, que iniciou suas atividades no início do século XX, foi fechado no ano de 1976. O principal motivo alegado pelos proprietários foi o não atendimento ao pedido de redução de impostos feito a municipalidade. Em virtude disso, os proprietários optaram por fechar a casa. Segundo o gerente Arlindo Sperb: “Já

12 **Uma avenida que tem rádio, cinema e hospital.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 31/01/1969, p. 12

13 Jota Feio. **Gente Importante.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 04 jul. 1969, p. 12. Maria Helena Corrêa e Silva. **Gente & Sociedade.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 27/06/1969, p. 8.

Jota Feio. **Gente Importante.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 28 jan. 1970, p. 12.

14 Jota Feio. **Gente Importante.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 28 jan. 1970, p. 12.



desde a fundação do cinema, o pessoal de Hamburgo Velho não ia muito lá, eles gostavam mais de vir ao cinema no centro, pois aí aproveitavam para dar um passeio”¹⁵.

Com as dificuldades financeiras, os cinemas apelaram para a sonegação, reutilizando bilhetes para não pagarem tantos impostos. Além disso, a qualidade dos filmes e das cópias passou a decrescer. Trazer películas boas custava caro, e as cópias também deixavam a desejar: “Os filmes arrebatam durante a projeção porque as cópias no Brasil são poucas, e passam por todos os cinemas, chegando a um desgaste muito grande”¹⁶ Os espectadores também reclamavam: “Difícilmente recebemos aqui filmes realmente bons, na maioria das vezes eles chegam com atraso em relação a outras cidades, principalmente Porto Alegre”¹⁷.

No período em que o cinema Aída encerrava suas atividades, já se prenunciava o fechamento das outras salas. Em 1982, o jornal NH noticiava que a cidade estava perdendo um pedaço de sua história, pois o grandioso Cine *Lumière* – que fora palco de filmes épicos, e também convivera com o período fértil do cinema nacional, passando até a fase da pornochanchada, dos filmes de Teixeira, que garantiam casa cheia, e de alguns clássicos importantes – realizou sua última sessão¹⁸.

Representantes da classe artística local e moradores mais antigos lamentaram o fim da “troca de revistas, de figurinhas, o namorico dos adolescentes, além de tudo o que representa uma casa de espetáculo, foram formando dentro de cada um aquele amor profundo pelo *Lumière*”¹⁹ O cronista Alceu Feijó enfatizou, nostalgicamente, o fechamento do cinema, que seria substituído por uma loja de eletrodomésticos.

Terminou o ponto de encontro dos namoradinhos das matinês e das sessões mais comprometedoras da noite. [...] *Lumière*, onde os suspiros arrebatados dos namorados serão substituídos pela expectativa dos balconistas no afã de aumentar seus rendimentos. O escurinho conivente com os namorados será desvendado por potentes

15 **Cine Aída está fechando as portas.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 29 set. 1976, Capa; **Cine Aída Fechou: O público perde outra casa de espetáculos.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 04 out.1976, p. 2.

16 **O que está acontecendo com o cinema?** Jornal NH. Novo Hamburgo, 18 set. 1974, p. 6.

17 **Qual é a sua opinião?** A qualidade dos filmes dos cinemas locais. Jornal NH. Novo Hamburgo, 08 ago.1979, p. 23.

18 **Cidade perde um pedaço de sua história. Lumière teve ontem sua última sessão.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 13 set. 1982, p. 6 e 12.

19 REICHERT, Evânia. **Artistas querem manter o Cine Lumière funcionando.** Jornal NH, Novo Hamburgo, 06 dez. 1982. Capa e p. 6.



conjuntos luminosos. A poesia dará lugar ao prosaico, os heróis abandonarão a tela para sempre.²⁰

Destaca-se no discurso a percepção da perda, da criação de um vácuo no espaço das práticas sociais. Mais do que a substituição de um tipo de lazer por outro, o fechamento de um cinema como o *Lumière* é expresso, na fala do cronista, como a finalização de um tempo, um marco divisor de possibilidades de sociabilidade na cidade.

Em outubro de 1991, o *shopping center* foi finalmente inaugurado na cidade obviamente a abertura foi registrada pelo Jornal NH. Com 20 milhões de dólares investidos, o local abrigaria 140 lojas, 14 restaurantes, 2 cinemas, 5 escadas rolantes, 2 sanitários por pavimento, sistema de proteção automática contra incêndio, calefação interna, oferecendo assim um ambiente agradável, com variada opção de compra, aliado à segurança e conforto. Os administradores esperavam vendas três ou quatro vezes maiores do que no comércio tradicional, uma vez que as vitrinas seriam vistas por um número maior de possíveis consumidores.²¹

A ilha de consumo da cidade havia se tornado realidade. Aqueles que, desde os anos oitenta, se aglomeram junto ao vidro da porta principal, tentando ver o que estava sendo feito no prédio ainda em construção, agora queriam ir ao *shopping center* para ver as novidades: valia a pena até fazer fila para andar de escada rolante.²²

Apesar de todos os problemas em sua fase de concretização, e da desconfiança de alguns quanto ao modo padrão de comportamento que ditava, o *Novo Shopping* foi um grande sucesso, se considerarmos que, em 1993, dois anos depois de sua abertura, este se consolidava como o maior centro de compras da região, com 124 lojas e a circulação de cerca de 20 mil pessoas diariamente – 35 mil nas sextas e sábados²³

Enquanto o *shopping center* atraía todos os olhares e carteiras, os cinemas de “calçada” iam sendo esquecidos. No final da década de 1980, o Cinema Avenida encerrou suas atividades, restando, então, apenas o Cine Saionara como modelo dos grandes “*cinemões*”²⁴

20 FEIJÓ, Alceu. **O Adeus dos Namorados**. Jornal NH. Novo Hamburgo, 13 set. 1982. P. 12.

21 **Novo Shopping abre hoje como o maior do interior**. Jornal NH. Novo Hamburgo, 23 out. 1991, p.13.

22 **Novo Shopping abre com grande público**. Jornal NH. Novo Hamburgo, 25 out. 1991, Capa.

23 **Novo Shopping completa dois anos de sucesso**. Jornal NH. Novo Hamburgo, 21 out. 1993, Capa.



José Carlos (Zeca) Blankenheim, na época a frente do Saionara junto de seu irmão Luís Henrique, consideravam que estava “ocorrendo uma melhoria da qualidade das salas, em detrimento da quantidade de cinemas. Os cinemas estão indo para os shoppings. O conforto das salas e a melhor qualidade de som e imagem deram um novo impulso ao cinema”. O Cine Saionara sofria com a ausência de público: “O valor histórico é algo bonito para visitar, mas não para assistir filme todo dia. Não adianta ter coisa bonita que não funciona”²⁵.

Diante disso, os proprietários resolveram acompanhar a tendência e garantir um espaço para o cinema no *shopping* da cidade, que no período da inauguração contava com duas salas: Novo Cine 1 e 2. A tendência foi a redução no tamanho das salas, pois, enquanto o grandioso Cine Saionara foi construído para abrigar 700 pessoas, as duas salas do Novo Cine foram inauguradas com 310 e 160 lugares, respectivamente.

Nesta perspectiva, concomitante a prosperidade das salas do *shopping*, deu-se a marginalização das antigas salas localizadas no centro da cidade, que passaram a atender um público específico, formado predominantemente por indivíduos que buscavam os filmes pornográficos ou então, nos finais de semana, por casais em busca de espaço reservado para namorar. Em 1995, o Cine Saionara, antigo Cine Theatro Carlos Gomes, inaugurado em 1930, encerrou suas atividades.²⁶ Dois anos depois, o prédio amanheceu com uma faixa: “Breve aqui, Igreja Universal do Reino de Deus,” tendo o mesmo fim que o cine Aída, de Hamburgo Velho, tivera duas décadas antes. Quando aos cinemas do shopping, segundo o Jornal NH, tornou-se local privilegiado pelos adolescentes que, para a tranqüilidade dos pais, podiam usufruir de múltiplas formas de lazer e de práticas de sociabilidade em segurança.²⁷

Considerações Finais

Para colaborar com algumas inferências sobre o estudo será utilizada a terceira e última fase proposta pela metodologia da hermenêutica de profundidade, chamada de Interpretação/ Re-interpretação. Nessa etapa ocorre a união das discussões apresentadas

²⁴ **Cine Avenida fechou ontem.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 01 dez. 1989, Capa.

²⁵ FLORES, Adriano. **O que passa com os cinemas.** Jornal NH, Novo Hamburgo, 23 e 24 jul. 1994. Caderno de Domingo, Capa, p. 4 e 5.

²⁶ **Adeus aos “cinemões”.** *Jornal NH.* Novo Hamburgo, 23 jun. 1995, p. 35.

²⁷ **Coluna Sabe-Tudo.** Jornal NH. Novo Hamburgo, 10 abr. 1997, p. 2.



pela análise sócio- histórica e da análise formal- discursiva, que facilitam a construção da interpretação. Para Thompson (1995, p.375) “a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados”.

Nesse sentido foi verificado que a imprensa escrita, representada pelo jornal NH, é uma importante fonte de pesquisa para a reconstrução e entendimento de processos sociais e históricos de uma cidade. No caso de Novo Hamburgo o jornal é fonte fundamental e quase exclusiva de registro sobre a trajetória das salas de cinema até o fechamento das mesmas. A partir da publicação da programação, crônicas, colunas e matérias jornalísticas que se tornou possível a reconstrução histórica, social e econômica a respeito de aspectos ligados a presença e importância do cinema no município.

Por fim, verificamos que era nas salas de cinema que a população contemplava tanto as obras artísticas quanto experimentavam o convívio. Mas é por intermédio do jornal, que, ainda hoje, os hamburguenses podem encontrar o registro sobre a relação da cidade com a experiência cinematográfica.

REFERÊNCIAS

GATTI, André. Exibição. In: RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe A. de (Orgs). **Enciclopédia do Cinema Brasileiro**. São Paulo: ed. SENAC, 2000.

BEHREND, Martin Herz. **O 5 de Abril**. Porto Alegre: Metrópole Ind. Gráfica, 2002.

MALVERDES, André. **No escurinho do cinema: a história das salas de exibição na Grande Vitória**. Vitória: editora?, 2008.

PETRY, Leopoldo. **O município de Novo Hamburgo**. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

SILVA, Cristina Ennes; PUHL, Paula Regina; STRÖHER, Carlos Eduardo. **Lazer e Sociabilidade em Novo Hamburgo: no Escurinho do Cinema**. Revista Esboços, volume 16, Nº 21, pp. 41-68 — UFSC, 2008.

TRAQUINA, Nelson org. de. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja Editora, 1999, 2ª ed.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.